

UNIDADE 12

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E O CURRÍCULO OCULTO

Os teóricos críticos da educação apontam um aspecto no desenvolvimento curricular que tem ocupado um espaço cada vez maior: **currículo oculto**.

Antes de iniciarmos nossa abordagem sobre o currículo oculto, vamos expor algumas situações verídicas apresentadas por **Alceu Castilho, Fábio Castro e Jéssika Torrezan (2004)**.

1. Tânia conta que numa discussão com educadores na Casa da Cultura da Mulher Negra, em Santos (SP), sobre a Lei 10.639/2003 — que prevê o estudo de história da cultura afro-brasileira nas escolas — um dos professores, evangélico, definiu a lei como “coisa do diabo”. (p. 40)
2. Em Chiapas (México), uma menina foi expulsa de várias escolas durante três anos por ser soropositiva. (p. 40)
3. Uma pesquisa da Gay-Straight Alliance School Climate com 2.227 estudantes secundários da Califórnia (EUA) mostrou que 67% admitiram fazer comentários homofóbicos freqüentemente; 84% dos estudantes dizem que nunca ou raramente vêem alguma intervenção dos funcionários da escola quando são feitos comentários antigay. (p. 42)
4. Única negra quando cursava o ensino fundamental, Tânia lembra que, um dia, seus colegas disseram que não queriam brincar com ela. Contou à professora, mas ela não falou nada. (p. 40)

A maior parte das pessoas tem algum tipo de preconceito e, mesmo quando nem imaginam que o fazem, discriminam determinadas pessoas ou grupos. No entanto, há aquelas que discriminam de forma consciente e que exercitam o preconceito a cada dia. Como a escola é parte da sociedade, não fica livre das práticas de discriminação e preconceito. A questão principal são as **consequências** dessas práticas.

Por exemplo, há casos, em várias partes do mundo, onde grupos de pessoas são conduzidos a escolher determinados tipos de escolaridade, especialmente no nível médio.

No Sri Lanka, até 1989, estudantes na área de costura manual e industrial eram somente mulheres, enquanto que nos cursos de eletricidade, metalurgia, carpintaria e construção eram somente homens. [...] O mesmo desequilíbrio é demonstrado em pesquisas realizadas nos Estados Unidos no mesmo período: as mulheres estudam na área de assistência à saúde, economia doméstica e programas de escritório, enquanto os homens encontram-se em preparação técnica em geral, relações de comércio e agricultura industrial. Ainda hoje, nos Estados Unidos, somente 28% das pessoas que se formam em computação são mulheres. (MORAES, 2002, p. 36)

O currículo oculto, conforme indica o nome, não é explícito no currículo escolar, isto é, não está escrito na lista de conteúdos a serem abordados. Mesmo assim, o currículo oculto existe nas práticas pedagógicas das salas de aula ou da escola como um todo e, portanto, faz parte da formação dos/das estudantes.

O currículo oculto perpetua as desigualdades sociais. Problemas como o racismo, a homofobia e o sexismo são, muitas vezes, exercitados nas práticas pedagógicas. Observe as explicações de **Peter McLaren**:

Muitas vezes **o currículo oculto substitui os ideais e os objetivos educacionais profetizados por docentes em sala de aula ou mesmo pela escola.** [...] Um estudo publicado no *Psychology Today* sugere que [...] quando os meninos fazem comentários sem levantar a mão, por exemplo, os/as docentes geralmente aceitam suas respostas; as meninas, no entanto, são reprimidas pelo mesmo comportamento. A mensagem oculta é “os meninos devem ser academicamente agressivos, enquanto as meninas devem ser comportadas e passivas”. (McLAREN, 1997, p. 217, grifo nosso)

Na Unidade 11, observamos o significado de **capital cultural**: *universalização da experiência e da cultura de um grupo que é estabelecida como “norma”*. É o **grupo cultural dominante** que constrói as diferenças dos **grupos culturais subordinados**. A escola é o reflexo dessa construção. Assim, determinados grupos passam a apresentar mecanismos de **resistência**.

12.1 Resistência

A **resistência** está presente em vários momentos do processo educacional. Há estudantes que não querem prestar atenção à aula e reagem de diversas formas: alguns demonstram desinteresse, fazendo de conta que estão dormindo; outros, fazendo “bagunça” na sala até que o/a docente perca a paciência e outros, ainda, apresentam passividade, chegando a ficar com olhos “vitrificados”, como se estivessem hipnotizados, sem demonstrar interesse na aula.

O que parece passividade e indiferença, numa primeira observação, é um momento de demonstrar a resistência. Isso significa que nem todos os atos de agressividade são indícios da resistência, pois ela pode se apresentar de variadas formas. O fato é que as reações de

resistência, muitas vezes, são reações aos **deslocamentos culturais**¹ e às **experiências opressivas** do processo escolar.

Para ilustrarmos os processos de resistência nas escolas, vamos recorrer a alguns estudos sobre esse tema.

Em 1977, **Paul Willis** publicou o primeiro estudo sobre a resistência nas escolas: *Learning to Labor*. Desenvolvendo um estudo etnográfico,² ele analisou um grupo de doze jovens de classe baixa que, rejeitando o aconselhamento profissional oferecido pela escola, se apropriam veementemente dos valores da classe baixa para resistirem aos valores burgueses defendidos pela escola, criando uma cultura “contraescolar”. Essa cultura hostiliza, em especial, o trabalho mental e a obediência.

A cultura contra-escolar fornece, assim, um olhar crítico para vislumbrar o que se passa por baixo do pano da agitação institucional costumeira da escola. Ela tem suas próprias práticas específicas, mas ela também busca e expõe de forma crítica algumas das transações e contradições sociais cruciais no interior da educação. (WILLIS, 1991, p. 159)

Após o estudo pioneiro de Paul Willis, alguns outros trabalhos também analisaram a resistência nas escolas. Peter McLaren, no livro *Schooling as a Ritual Performance*, enfatizou a necessidade de os/de as docentes reconhecerem como, quando e por que mecanismos de resistência são construídos.

Realizando um estudo etnográfico, McLaren reconhece que docentes são reprimidos dentro do sistema educacional e que, ao mesmo tempo, contribuem para a universalização de formas tradicionais

¹ Pode-se considerar deslocamento cultural a obrigatoriedade que grupos subordinados enfrentam para absorver a cultura dominante. Por exemplo, quando a linguagem da escola não privilegia a linguagem popular, está negligenciando as variadas formas de expressão dos grupos subordinados, conforme observamos na Unidade 9.

² A etnografia é um tipo de pesquisa caracterizado pela descrição detalhada de um grupo de pessoas, com o qual o/a pesquisador(a) tem contato permanente durante um determinado espaço de tempo.

de ensino através de atitudes como ameaçar os/as estudantes, trabalhar com didáticas conservadoras e ser onipotentes. Observe os exemplos de Peter McLaren (1992) que demonstram como os/as estudantes formulam sua resistência:

Estudante: Você pode ficar em cima do professor fazendo com que ele quase enlouqueça. Algumas vezes você pode ver as veias pulando em sua testa. (p. 211)

Estudante: Eu faço de conta que estou trabalhando, pegando o lápis e rabiscando, esse tipo de coisa. Mas na verdade estou noutra, longe da aula... você sabe... Eu estou fazendo movimentos, mas eu não estou me movimentando... o professor algumas vezes pega você no flagra porque você está olhando para as paredes. Então ela (a professora) reclama: "Olhe o seu trabalho!" (p. 217)

Um outro estudo é o de **Robert Everhart**: *Reading, Writing and Resistance*. Observe o exemplo:

Eu faço de conta que estou mascando um chiclete. Ele vai dizer: Lisa, jogue fora este chiclete. E eu digo: Não tenho nenhum chiclete. E sacudo a minha cabeça para um lado e para o outro, abrindo bastante a minha boca e colocando a língua para fora. Isso realmente deixa ele sem graça. (EVERHART, 1983, p. 182, tradução nossa)

Para compreender a resistência em sala de aula, precisamos considerar alguns aspectos:

- **a resistência não pode ser observada simplesmente como uma rebelião sem causa**, mas como uma rejeição da cultura da sala de aula ou da escola como um todo, que se manifesta de várias formas;
- **existe um elo entre resistência e poder**. Através da resistência, os/as estudantes encontram um meio de ter ou exercitar o poder e de lutar contra a opressão de seus momentos escolares.

Depois de toda a análise que fizemos até aqui, você pode estar fazendo a seguinte pergunta:

Como docente, o que posso fazer para evitar o currículo oculto, considerando que a nossa abordagem do currículo regular ajuda a moldar atitudes e percepções dos/das estudantes sobre a natureza do mundo?

Para evitar o currículo oculto, é necessário que possamos reconhecer nossos traços preconceituosos. Quando reconhecemos esses traços, temos a possibilidade de destruí-los para que tenhamos condições de construir uma relação melhor em sala de aula:

- Estou dando atenção a todas as pessoas da minha turma ou evito algumas delas?
- Consigo compreender as dificuldades de meus estudantes ou rotulo-os constantemente para encobrir minhas falhas preconceituosas?

- Considero importantes as opiniões de todos na sala de aula ou limito-me a destacar apenas aquelas das pessoas por quem tenho simpatia?

Além disso, quando pensamos em currículo oculto, inevitavelmente precisamos pensar em resistência. **Para trabalhar com a resistência**, é necessário observar como as escolas reproduzem as relações sociais que mantêm a sociedade desigual. **É necessário fazer com que os/as estudantes tornem-se participantes ativos do processo educacional**, sentindo-se incluídos nesse processo.

Referências:

CASTILHO, Alceu; CASTRO, Fábio; TORREZAN, Jéssika. O inferno são os outros. *Educação*, São Paulo, v. 88, n. 8, p. 40-45, agosto 2004. Segmento.

EVERHART, Robert. *Reading, Writing and Resistance: adolescence and labor in a junior high school*. Boston, London, Melbourne and Henley: Routledge, 1983.

McLAREN, Peter. *A Vida nas Escolas: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____. *Rituais na Escola: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação*. Tradução de Juracy Marques e Angela Biaggio. Petrópolis: Vozes, 1992.

MORAES, Marcia. *Ser Humana: quando a mulher está em discussão*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

WILLIS, Paul. *Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social*. Porto Alegre: ArtMed, 1991.